



ENTREVISTA

EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: entrevista com o Cristiano das Neves Bodart

EDUCATION IN SOCIAL SCIENCES: interview with Cristiano das Neves Bodart

**Manoela Vieira Neutzling¹
Gabriela Pecantet Siqueira²**

A presente entrevista foi concedida pelo professor Cristiano das Neves Bodart durante o evento Semana Integrada: XIV Semana Acadêmica das Ciências Sociais e VIII Jornada Brasileira de Sociologia, organizado pelo curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFPel. O evento ocorreu de 11 a 15 de dezembro de 2023. Na ocasião o docente proferiu a palestra “A formação do Professor de Ciências Sociais no contexto da sociedade informacional”. A entrevista foi realizada em dois encontros durante a semana da realização do evento³.

Cristiano das Neves Bodart é doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e possui pós-doutorado pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente, é docente do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Ele coordena o Observatório Nacional da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, além de ser responsável pelos periódicos Revista Café com Sociologia, Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais e Latitude.

¹ Doutoranda e mestra em Sociologia pelo PPGS da UFPel. Possui licenciatura em Ciências Sociais pela mesma universidade. Tem experiência como professora substituta no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Bolsista CAPES.

² Doutoranda e mestra em Sociologia pelo PPGS da UFPel. Graduanda em Antropologia e bacharela em Direito pela mesma universidade. Atua como educadora de Sociologia no curso Desafio Pré-universitário Popular (PREC/UFPel) desde 2022. Bolsista CAPES.

³ A entrevista foi realizada nas dependências do prédio do Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS) da UFPel, foi gravada, posteriormente transcrita e revisada pelo entrevistado.

Bodart é reconhecido como um colaborador destacado para o desenvolvimento do subcampo do Ensino de Sociologia, tendo publicado diversos artigos científicos, livros e capítulos de livros sobre o tema. Além disso, organizou livros coletâneas e dossiês temáticos em periódicos acadêmicos. Ele também é o editor e fundador do Blog Café com Sociologia.

A fim de dar continuidade às reflexões proporcionadas na palestra, realizamos uma entrevista com Bodart. O diálogo foi organizado considerando a palestra realizada no evento acadêmico e a trajetória do pesquisador.

Manoela Neutzling: Olá, professor Cristiano Bodart, muito bem-vindo! Primeiramente agradecemos a oportunidade de realizar esta entrevista. Para começarmos nosso diálogo gostaríamos de saber da sua trajetória como pesquisador e sobre o seu interesse pelo tema de pesquisa no Ensino em Sociologia no Brasil.

Cristiano Bodart: Concluí minha licenciatura em Ciências Sociais em 2001. Naquela época, o ensino médio não oferecia Sociologia, então comecei a lecionar História e Geografia. A partir de 2009, passei a lecionar também Sociologia. Minha introdução à docência na licenciatura, focada inicialmente em Geografia devido à sua carga horária mais significativa, acabou por me imergir nesse campo, levando-me a realizar um mestrado em Planejamento Urbano e Gestão de Cidades. Com o retorno gradual da disciplina de Sociologia, ao longo do tempo, comecei a reduzir minha carga horária em Geografia e aumentar em Sociologia. Isso me levou de volta ao campo das Ciências Sociais, onde obtive meu doutorado em Sociologia pela USP. Tanto no mestrado quanto no doutorado a minha pesquisa esteve relacionada aos movimentos sociais e participação social. Quando terminei o doutorado surgiu o desafio de atuar na docência no ensino superior em universidade pública. Fiz meu primeiro concurso em 2016, tendo êxito na tentativa. Esse concurso era para atuar na formação de professores de Sociologia, com disciplinas ligadas à licenciatura. Foi uma vaga no Centro de Educação para atuar na formação de docentes de Sociologia e com as disciplinas Sociologia da Educação e Formação Docente. Na preparação para o concurso, tive que ampliar o contato com a literatura sobre o ensino de Sociologia, porque até então o meu contato era incipiente. Embora eu fosse atuante como professor de Sociologia, minha proximidade era muito maior com temas ligados aos movimentos sociais.

Após ser aprovado, percebi a importância de me qualificar para atender às demandas como professor efetivo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), especialmente no que diz respeito à formação de professores de Sociologia. Antes de 2016, minha experiência com o ensino de Sociologia derivava da minha prática como professor dessa disciplina, além de

meu envolvimento em um blog onde refletia sobre práticas docentes para minhas próprias aulas.

Ao assumir o cargo de professor na UFAL, naturalmente adotei a postura de melhorar e me capacitar para formar professores de Sociologia. Durante aproximadamente um ano, consegui realizar essa transição na universidade, deixando de lado, praticamente, a temática dos movimentos sociais. A partir de 2018-2019, passei a me dedicar quase que exclusivamente ao ensino de Sociologia. Atualmente, me considero um pesquisador nessa área específica.

Quando menciono ser um pesquisador do "Ensino de Sociologia", na verdade estou utilizando um termo impreciso e pouco claro. Minhas pesquisas estão relacionadas à Educação em Ciências Sociais, que abrange temas como currículo, formação docente, didática, teorias pedagógicas, história da disciplina, entre outros aspectos, e não se limitam apenas ao ensino. O termo "Ensino de Sociologia", que foi estabelecido dentro do campo, e que tendemos a reproduzir, precisa ser repensado para garantir um maior rigor conceitual na compreensão do que fazemos como pesquisadores de Educação em Ciências Sociais. Essa é, essencialmente, a linha da minha trajetória acadêmica.

Manoela Neutzling: Você poderia discorrer sobre os principais desafios para professores licenciados em Ciências Sociais? O que você considera como desafio para a prática docente para as pessoas que estão formadas, que já estão no mercado de trabalho, mas também que estão se formando nessa área?

Cristiano Bodart: Há desafios distintos para aqueles que estão se formando na graduação e aqueles que já atuam na educação básica e estão buscando formação continuada. Se nos concentrarmos especificamente na formação docente na graduação, o maior desafio atualmente reside no perfil dos cursos. Apesar dos avanços significativos na aproximação com o campo da Educação, especialmente no que diz respeito à reflexão sobre a prática docente, ainda há espaço para melhorias.

Muitos cursos ainda se concentram excessivamente na transmissão de conhecimentos disciplinares, deixando os estudantes inseguros para lecionar. Há pouco espaço para discussões sobre o campo educacional e a prática docente. Os estágios, o PIBID e o Programa de Residência Pedagógica, embora sejam espaços importantes para experimentação, muitas vezes são considerados menos relevantes no curso, o que impacta negativamente na formação dos futuros professores. Essa dificuldade dos cursos em formar efetivamente professores está relacionada com a formação de seus próprios docentes, já que a maioria se formou no modelo "três mais um" ou possui apenas o bacharelado. Muitos deles seguiram para o mestrado e

doutorado sem experiência prática no ensino básico, o que dificulta a relação com o campo da educação, já que não tiveram disciplinas para discutir essa questão. O curso de licenciatura em Ciências Sociais é uma novidade para muitos desses docentes que atuam nele. Além do desinteresse de alguns, há também limitações de conhecimento decorrentes da formação anterior, o que dificulta a adequação das disciplinas para um formação docente em Sociologia.

Nos cursos de licenciatura, a formação muitas vezes é semelhante à do bacharelado. Como mencionei na minha exposição na terça-feira, às licenciaturas enfrentam um desafio maior do que o bacharelado, pois precisam abranger tudo o que este último oferece, além de focar no desenvolvimento dos saberes específicos do campo docente. Isso inclui saberes disciplinares, pedagógicos e experienciais docentes, que não são exigidos nos cursos de bacharelado. Essa parte “pedagógica”, que deve ser feita durante todo o processo do curso, ainda é em muitos lugares uma “segunda parte” de responsabilidade do centro de educação. No entanto, isso faz com que as temáticas ligadas à docência sejam algo distante, desmotivando os licenciandos à atuação docente, bem como a se interessar no objeto de pesquisa Educação.

Uma outra questão muito importante para considerarmos é que a Educação Básica é muito mais dinâmica em suas mudanças e adaptações em relação às transformações sociais do que o ambiente universitário da graduação. Em termos tecnológicos, por exemplo, a educação básica precisa se adequar muito mais rapidamente do que a universidade. Na universidade, o professor ainda continua, muitas vezes, sentado atrás de uma mesa, no máximo utilizando um projetor, o que é considerado relativamente suficiente para aquela prática. Na Educação Básica, isso não é mais suficiente, pois estamos lidando com adolescentes e pré-adolescentes que cresceram em um mundo marcado pela tecnologia. A universidade não tem conseguido acompanhar as mudanças na sociedade, o que impacta na formação do professor da Educação Básica. Quando esse professor se forma na licenciatura e ingressa na escola se depara com uma realidade muito diferente da universidade. Por exemplo, ele pode até pensar que precisa produzir um podcast para seus estudantes do ensino médio, mas nunca teve essa experiência durante a graduação. Ou pode julgar que precisa criar vídeos com linguagem interessante e acessível, mas também nunca experimentou isso antes. Essa falta de preparo durante a graduação resulta em um choque de realidade quando o professor entra em sala de aula que exige rápidas adaptações.

Se pensarmos nos professores que já estão formados, nos deparamos com um primeiro problema: a maioria dos professores que lecionam a disciplina no Brasil não possui formação na área. Isso dificulta que esses profissionais tenham conhecimento disciplinar, o que é fundamental para a prática docente. Não adianta possuir apenas saberes pedagógicos; é

necessário também ter conhecimento disciplinar para lecionar Sociologia. Esses professores, que têm essa deficiência, geralmente se "formam" por meio dos próprios livros didáticos utilizados pelos estudantes, muitas vezes lendo o material em sala de aula, motivados também pelas limitações materiais que os impedem de acessar textos mais aprofundados. Além disso, há uma escassez de programas de formação continuada voltados para a área disciplinar.

No Brasil, observamos uma grande oferta de especializações voltadas para o campo educacional em geral, assim como cursos de psicopedagogia. No entanto, há uma escassez de cursos que efetivamente capacitam os professores em relação ao conhecimento disciplinar específico. Muitos desses professores são altamente qualificados em outras áreas, como História, Geografia e Pedagogia, mas carecem do saber disciplinar necessário para uma prática docente eficaz. Isso, por sua vez, tem um impacto significativo na qualidade do ensino e na forma como a disciplina é percebida pela sociedade e pelos estudantes. Então, isso acarreta uma série de outros problemas além da formação, afetando diretamente a elaboração do currículo, a criação dos planos de disciplina e de aula, bem como a percepção dos estudantes em relação à disciplina e sua legitimidade no ensino. Um professor formado em História, por exemplo, tende a abordar os conteúdos a partir de uma perspectiva histórica, mesmo ao lecionar Sociologia. Como resultado, seus estudantes podem não distinguir claramente entre as aulas de História e Sociologia, pois o "*habitus* do historiador" predomina na sala de aula. Nesse caso, por que não eliminar uma disciplina que é entendida como redundante e aumentar a carga horária de História para melhorar a qualidade das aulas? Esse raciocínio parece lógico devido à precarização da prática, à falta de qualidade e ao descuido epistemológico do campo das Ciências Sociais. Esse é um desafio crucial para considerar o cuidado epistemológico na nossa prática docente. Pensando na formação dos professores que estão em sala de aula, percebemos uma deficiência na formação continuada específica para o campo das Ciências Sociais. Geralmente, quando as prefeituras ou o estado oferecem programas de formação continuada, os cursos tendem a ser mais genéricos e focados em saberes pedagógicos e curriculares, com menos ênfase nos saberes disciplinares.

Manoela Neutzling: Na palestra, você abordou os três perfis de professores: aquele que realiza o ofício sem ter o saber, o que possui saberes, mas sem o ofício e aquele que realiza o ofício feito de saberes. Gostaríamos de ouvir mais, especialmente para entender como podemos formar esses professores para que consigam articular essa dimensão do cuidado epistemológico.

Cristiano Bodart: Quando falo sobre cuidado epistemológico, refiro-me à habilidade de ministrar efetivamente aulas de Sociologia. Quando o professor não possui formação

específica na área, pode ser induzido a interpretar os fenômenos a serem ensinados a partir de sua formação anterior, incluindo até mesmo o senso comum ou uma linguagem jornalística. No entanto, para aqueles que ensinam Sociologia, é crucial ter cuidado, pois no campo das Ciências Sociais existem epistemologias específicas para abordar esses fenômenos. Essa especificidade precisa ser amplamente discutida, pois mesmo os professores licenciados em Ciências Sociais podem ter interpretações equivocadas.

Quando nos questionamos sobre a especificidade da disciplina de Sociologia, é comum que muitos respondam que se trata de formar para a cidadania. No entanto, isso é um equívoco, pois formar para a cidadania é um objetivo da educação em geral, estabelecido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), não exclusivamente da Sociologia. Além disso, é frequente que licenciados em Ciências Sociais apontem o estranhamento e a desnaturalização como especificidades da Sociologia, o que também é equivocado. O estranhamento é uma postura epistemológica presente em diversas áreas científicas e filosóficas, fundamental para a construção da problematização diante do fenômeno social observado. Da mesma forma, a desnaturalização não é uma especificidade da Sociologia, pois todas as Ciências Humanas compartilham dessa abordagem. Por exemplo, um professor de História não considera um fenômeno como natural ou físico, mas sim como histórico e, portanto, social, desnaturalizando-o. Portanto, precisamos discutir esses equívocos e compreender melhor a especificidade da Sociologia dentro do campo das Ciências Sociais.

A especificidade das Ciências Sociais no campo acadêmico reside na sua abordagem interdisciplinar e na análise das interações humanas e sociais em diversos contextos. Os estudiosos dessas disciplinas buscam compreender as estruturas sociais, os processos históricos, as dinâmicas políticas e as relações culturais, entre outros aspectos, por meio de métodos de pesquisa específicos, como observação participante, entrevistas, análise documental e estatísticas sociais. O consenso geral é que as Ciências Sociais buscam gerar conhecimento sobre a sociedade e suas transformações, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos fenômenos sociais e para a promoção do desenvolvimento humano e social.

Não que as Ciências Sociais sejam compostas apenas por consensos, mas é importante considerar que somente aquilo que é amplamente aceito e estabelecido costuma ser incluído no currículo escolar. Novas abordagens e teorias que ainda estão em debate na academia tendem a permanecer no ambiente acadêmico, enquanto aquilo que é consensual é levado para as salas de aula. Ao olharmos para o campo das Ciências Sociais, podemos nos perguntar: o que é amplamente aceito e estabelecido dentro desse campo?

Quando analisamos um fenômeno social, o fazemos a partir de aspectos que estão presentes no conceito de figuração, conforme proposto por Elias. Estamos interessados na historicidade desse fenômeno, nas regras que o regem, nas relações de poder entre indivíduos

e entre indivíduos e instituições, bem como entre indivíduos e estruturas. Também consideramos o tensionamento entre a subjetividade dos sujeitos e a objetividade da estrutura, compreendendo que essa estrutura influencia a construção subjetiva dos indivíduos, mas que estes também têm uma capacidade mínima de agência dentro desse contexto. Esses elementos presentes nas Ciências Sociais são fundamentais para serem abordados na Sociologia escolar.

Dentro da noção de figuração proposto por Elias, entendemos a história de forma dialética, reconhecendo sua natureza não linear e compreendendo os eventos como inacabados e conflituosos. Utilizando essa noção, podemos dizer que a função da Sociologia na Educação Básica é capacitar os estudantes para adquirirem uma visão figuracional dos fenômenos sociais e do mundo social. Essa visão figuracional engloba todos os elementos consensuais presentes nas Ciências Sociais, pois nenhum cientista social contestaria que as relações sociais são marcadas por conflitos, que a história segue uma dinâmica dialética, que a estrutura não se sobrepõe automaticamente aos indivíduos, que estes possuem uma certa agência, que as regras orientam as estruturas sociais e que a compreensão do presente demanda uma análise histórica.

Há um consenso na academia sobre os elementos presentes na noção de figuração. Não é o tema em si que confere especificidade à disciplina. Por exemplo, os movimentos sociais podem ser abordados em uma aula de História ou de Geografia, mas o que diferencia é o tratamento epistemológico dado ao assunto. Em vez de uma abordagem que se concentra apenas na construção histórica dos movimentos sociais, considerando a relação entre tempo e espaço, como é típico da História, na Sociologia, abordamos os movimentos sociais sob a ótica da figuração. Isso envolve análise das relações de poder, da história dialética e da relação entre estrutura e aspectos da subjetividade. Quando consideramos esses elementos, fica evidente que se trata de uma aula de Sociologia e não de História ou Geografia.

Esse cuidado é fundamental para a prática docente, garantindo que a aula seja genuinamente de Sociologia. Isso permite que os estudantes reconheçam a distinção epistemológica e compreendam que estão participando de uma experiência de aprendizado única. Além de aprimorar a qualidade da educação ao fornecer uma abordagem explicativa adicional do mundo social, também fica evidente que a Sociologia oferece uma contribuição distinta que não é replicada por disciplinas como História ou Geografia.

Além do trato epistemológico ser um movimento que qualifica a aula, isso também possui implicações políticas significativas, especialmente em relação à preservação da disciplina em si. Qual argumento podemos utilizar para justificar a manutenção de uma disciplina se ela for considerada similar a qualquer outra? Portanto, a especificidade da disciplina é crucial não apenas para aprimorar a prática docente, mas também para garantir sua permanência no currículo escolar.

Quando discutimos a especificidade, é importante considerar o risco de ter professores que possuam conhecimento em Ciências Sociais e sejam cuidadosos em relação à epistemologia, mas falta cuidado pedagógico. Isso ressalta a importância dos cursos de Ciências Sociais incluírem uma atenção especial ao campo da educação. O rigor epistemológico deve ser acompanhado por uma vigilância pedagógica, incluindo a transposição didática e a seleção apropriada de conteúdos para diferentes faixas etárias, conhecidos como saberes curriculares. É essencial garantir esse cuidado para que as aulas sejam verdadeiramente qualificadas.

Gabriela Siqueira: Durante a palestra você mencionou sobre os vários perfis de professores e modelos de aula, que dependem muito de cada contexto, mas existiria um ideal de perfil ou um modelo de aula que devemos visar?

Cristiano Bodart: Toda a prática docente está diretamente relacionada ao perfil dos estudantes. Por exemplo, uma abordagem mais "bacharelesca" pode ser eficaz para um determinado tipo de público, enquanto uma aula tradicional pode ter efeitos positivos ou negativos dependendo do contexto e do perfil dos estudantes. Não defendo um modelo único como o mais eficiente, pois é importante considerar a diversidade dos estudantes e das escolas. No entanto, dentro do contexto mais amplo das Ciências Sociais, é importante reconhecer que existe um perfil predominante de estudante na escola pública que requer uma abordagem de ensino mais conectada à sua realidade. Em contraste, em escolas particulares com foco em vestibulares e no Enem, uma abordagem mais tradicional pode ser mais adequada. Muitos estudantes nas escolas públicas brasileiras mantêm um distanciamento significativo do ambiente acadêmico, portanto, uma abordagem mais "bacharelesca" pode não ser eficaz e o ensino-aprendizagem não acontecer.

Nesse contexto, penso que o professor deve optar por uma aula instrumentalizadora, ou seja, apresentar a Sociologia como um instrumento a mais (porque nós não podemos ser exclusivista e achar que o conhecimento sociológico é o único saber possível, único saber suficiente para o mundo social), para ele explicar a realidade. Dessa forma, a finalidade não é ensinar o conteúdo de Sociologia pelo próprio conteúdo, mas partir da realidade do estudante para adentrar as possibilidades de interpretação do campo da Sociologia, voltar para a realidade daquele estudante para que ele possa entender que a Sociologia é meio de compreensão da realidade e não o fim. Esse tipo de prática docente talvez seja mais adequada para a grande maioria das escolas públicas brasileiras por conta do contexto social que estes sujeitos estão envolvidos.

Então não existe um modelo A ou um modelo B que seja mais eficiente. Durante minha fala na palestra do evento, mencionei as práticas mais comuns dos professores. Alguns adotam uma abordagem mais "bacharelesca", preocupados principalmente com o conteúdo e sem contextualização, como se estivessem ministrando aulas para estudantes de licenciatura ou bacharelado em Ciências Sociais. Essa abordagem pode funcionar para alguns tipos de público, inclusive em cursos de licenciatura ou bacharelado em certa medida. Por outro lado, há outra prática comum em que o professor se concentra no conteúdo, mas com o cuidado de contextualizá-lo e exemplificá-lo para aproximar mais os estudantes. No entanto, ainda é uma preocupação centrada no conteúdo e não na educação instrumentalizadora.

Uma terceira possibilidade é a educação instrumentalizadora, que faz mais sentido para os estudantes, pois os ajuda a resolver seus problemas cotidianos e dilemas da vida. Muitos jovens brasileiros estão imersos em uma rotina acelerada e desejam compreender por que vivem da maneira que vivem e por que os acontecimentos ao seu redor os afetam tanto. Reconhecer que a Sociologia pode oferecer uma interpretação adicional desses fenômenos pode, a depender do perfil dos estudantes, atrair muito mais o interesse deles do que simplesmente apresentar a necessidade de aprender conceitos para o Enem ou para vestibulares tradicionais.

Nós sempre precisamos considerar a relação entre o perfil do estudante e a prática docente. Um mesmo professor pode adotar diferentes práticas de ensino, por isso é importante ter o que eu gosto de chamar de "estoque", ou seja, acumular conhecimento mesmo que não seja utilizado imediatamente. É como quando você pergunta a um vendedor se ele tem um determinado item e ele responde: "Acho que tenho, vou dar uma olhada no estoque". O professor também precisa ampliar seu estoque de conhecimentos, mesmo que não os utilize de imediato. Diversas situações e experimentações podem fazer com que ele se lembre de outras experiências, possibilidades, recursos ou estratégias didáticas, que poderão ser úteis em algum momento futuro.

Quanto maior nosso estoque de conhecimentos, mais ele se expande, tornando-se uma espécie de "capital cultural docente". Duas experiências podem se combinar para criar uma terceira, ou três experiências podem inspirar uma quarta que é completamente diferente das anteriores. O estoque de conhecimento funciona como uma "riqueza cultural" que permite a produção e reprodução contínua desse capital, oferecendo ao professor uma variedade de recursos e estratégias didáticas para enfrentar diferentes desafios na sala de aula.

Muitas possibilidades de prática docente precisam ser conhecidas e experimentadas com o perfil do público da aula.

Gabriela Siqueira: Eu tenho uma formação no bacharelado, tenho mestrado em Sociologia e estou no doutorado em Sociologia e a minha intenção é me tornar professora. Eu vi a possibilidade de dar aula no curso pré-universitário da UFPel, o Desafio, uma maneira de me capacitar, principalmente em relação ao saber pedagógico. Você tem alguma dica ou orientação de como elaborar planos de aula de forma que consigamos nos aproximar da realidade dos estudantes e eles possam enxergar também a importância da Sociologia?

Cristiano Bodart: Eu não tenho indicação de um instrumental específico, mas posso indicar um método. O método dialógico. Dialógico não apenas no sentido de uma aula onde os estudantes também falam, mas onde eles falam e o que eles falam tem sentido para o professor. Vamos pensar numa prática inicial: Quando eu começo o ano letivo e tenho uma primeira turma. Se eu chego na minha primeira aula com um planejamento e material pronto e ministro a minha aula, eu tenho uma aula impositiva, eu não tenho uma aula de diálogo. Por mais que os estudantes estejam falando, não importa o que eles estão falando, o que importa é o que eu defini previamente para eles, porque eu sei o que é importante para eles.

Romper com esse mecanismo ajuda na preparação das aulas futuras e auxilia o professor a não se preocupar tanto com a preparação da aula no início, porque você não conhece o público. É a partir do diálogo, do respeito ao que os estudantes pensam, como pensam, do que gostam e do que não gostam, que nós vamos construindo nossas aulas. Quanto maior esse diálogo com os estudantes, um diálogo respeitoso, maior a possibilidade de conduzir as práticas de planejamento dentro do que é interessante para eles. Nesse diálogo será definido exatamente o que vou usar, como usar e em que momento usar, referindo-me aqui a recursos didáticos e artefatos culturais que possam ser apropriados para a prática docente.

Nesse processo, quem vai definir o que é mais interessante para a aula são os estudantes. Em todas minhas aulas, preciso planejar de modo que possa captar deles o que pensam. Obviamente, o professor é o mediador; não se trata de pegar exatamente o que os estudantes querem e fazer o que desejam, justamente porque é um diálogo. Não é uma ditadura dos estudantes e nem do professor, mas sim um processo dialógico que permite ao professor ter a capacidade de fazer seleções dentro do repertório que ele possui e que dialoga com o interesse dos estudantes. Não adianta eu simplesmente me colocar como sujeito dotado de conhecimentos disciplinares e pedagógicos e, a partir daí, não estabelecer um diálogo.

Um aspecto muito interessante é quando você diz: "Eu não sou licenciada, estou tentando me aproximar da licenciatura", pois isso também é mencionado por estudantes quando começam a fazer estágio. Eles dizem: "Ah, no estágio nós aprendemos muito com os estudantes". Essa disposição para aprender, para ouvir, é notável. Na Filosofia, discute-se

muito que a criança tem uma percepção, uma curiosidade, que vai sendo podada à medida que amadurece, e a curiosidade se perde. Essa disposição para aprender do estudante também se perde depois de formado, porque durante o processo de formação, nesta “infância formativa”, somos muito mais abertos para aprender com os estudantes, para sentar e conversar com eles.

O estagiário, durante o recreio ou intervalo, conversa com os estudantes, batendo papo e perguntando sobre seus interesses e atividades. Na fase adulta como docente, uma vez formado, o professor da escola efetivo ou contratado muitas vezes não adota mais esse comportamento. Ele se torna o sujeito que sabe tudo e, portanto, vai para a aula com tudo preparado, sem o processo de diálogo com os estudantes. Isso é o que dificulta a prática docente: a posição hierárquica construída pelo professor após seu processo de formação. Antes, essa hierarquia era menos rígida. Não estou dizendo que não deve haver uma hierarquia entre professor e estudante, mas não pode ser uma hierarquia impositiva, um autoritarismo. Em vez de ter o professor como autoridade na sala de aula, ele pode se portar de forma autoritária, definindo unilateralmente o que será feito.

Voltando à sua pergunta, se eu te respondo da maneira que você queria, com uma fórmula pronta, estaria te levando a ser autoritária, porque você poderá dizer assim: “o professor que é pesquisador do tema disse que o melhor é fazer assim, então vou preparar minha aula como o professor me disse”. Note que isso seria um caminho desastroso para a prática docente, porque ela precisa ser dialógica, construída junto com os estudantes para ter sentido. Com diálogo com os estudantes, você consegue construir alguns caminhos mais produtivos do processo de aprendizado.

Nesse caminho surge um problema que ainda não conseguimos superar: a preocupação excessiva com o conteúdo. Como podemos conversar com os estudantes quando há tantos conteúdos para serem abordados em um número determinado de aulas? Essa visão conteudista é problemática, pois ao nos prendermos a ela, continuamos não conseguindo abarcar todo o conteúdo, e acabamos transmitindo-o de uma forma distante da compreensão e do interesse dos estudantes. Às vezes, vale a pena abrir mão dessa pressa, dessa ânsia de transmitir todos os conteúdos do bimestre, para que aquilo que conseguirmos abordar seja efetivamente significativo para os estudantes. Vale muito mais ter cinco aulas significativas do que vinte aulas impositivas, autoritárias, com conteúdo completamente descolado da compreensão cognitiva dos estudantes.

Gabriela Siqueira: Às vezes nós queremos concluir todo o conteúdo, falar de tais e tais conceitos, mas nem sempre dá tempo, mas é melhor que os temas trabalhados em aula gerem alguma intervenção dos estudantes, por justamente gerar reflexões sobre seus cotidianos, do que esgotarmos os conteúdos previstos. Eu já abri mão de tratar de certos

conceitos, por exemplo, porque em determinados momentos foi muito mais proveitoso explorar com a turma seus possíveis desdobramentos.

Cristiano Bodart: Há uma metáfora que é muito boa para pensarmos no papel do professor na sala de aula, que é a metáfora do regente. Não é o regente que toca a música, não é ele que faz o espetáculo, ele conduz o espetáculo; a função dele é motivar as pessoas a tocar a música e cada um, na sua especificidade, contribui para que a música seja tocada. Cada um com seu instrumento possibilita, motivado pelo regente, que o espetáculo aconteça.

Se nós quisermos pensar na possibilidade de que a nossa aula seja um espetáculo, nós precisamos atuar como regentes, não entendendo que nós vamos fazer o espetáculo. O professor não é o *showman*, mas são os estudantes que vão colaborar com a aula, cada um dentro das suas limitações e especificidades. Cabe a nós encorajarmos cada estudante para que ele faça parte desse espetáculo. Essa metáfora é muito interessante para começarmos a repensar nossa prática em sala de aula, porque é muito comum nos prepararmos e ficarmos preocupados com a retórica, de querer dar um show e o show não acontece. Pensar nessa posição do sujeito, que é responsável pela motivação de cada um dos estudantes dentro das suas especificidades, porque cada estudante é diferente, e tentar motivá-los para que naquilo que eles são potentes, possam fazer bem na sala de aula, é o que faz a aula se tornar o espetáculo que almejamos.

Gabriela Siqueira: Nós estávamos conversando sobre a prática docente, os recursos, modelos de aula. Seguindo nessa linha, quais seriam suas sugestões para os graduandos em Ciências Sociais em relação ao Ensino de Sociologia no Ensino Médio?

Cristiano Bodart: Pensando no que você chama de graduando, eu prefiro chamar de licenciando, justamente para enfatizar a diferença. É muito comum os estudantes da graduação acabarem não se preocupando com questões relacionadas à docência. Não que não se preocupem, mas acabam se preocupando mais com questões profissionais, como onde vão trabalhar, em vez de se instrumentalizarem para trabalhar a partir dos conhecimentos do campo pedagógico. Isso geralmente acontece porque os estudantes entendem que a docência é, conforme o senso comum, uma espécie de "dom". Eles acreditam que só precisam ter esse dom e, portanto, esperam a formatura para começar a pensar nas aulas que irão lecionar. Na sala de aula, eles acreditam que atuar a partir do "dom" e descobrir se têm ou não essa habilidade inata. Essa ideia está muito distante da perspectiva de profissionalização da docência e contribui para a desvalorização da profissão. Afinal, se ser professor é apenas uma questão de dom, significa que é algo que se recebe sem mérito ou esforço. Sob essa

compreensão de dom, no momento que você faz alguma atividade, não precisam te recompensar, já que não gastou nada com isso... não teve investimento físico, emocional, financeiro, nada! É um dom. Isso leva, por exemplo, secretário de educação, há algum tempo, a falar em plena greve que “era um absurdo os professores estarem fazendo greve porque professor que é professor, trabalha por amor, não trabalha por dinheiro”. A greve envolvia reivindicação salarial.

Essa concepção de dom acaba por estar presente na mentalidade dos estudantes em processo de formação, o que os afasta do interesse em buscar outros saberes além dos disciplinares. Se não conseguirmos mudar essa ideia de que a docência não é um dom, mas sim uma profissionalização que requer racionalização e busca por conhecimento, não conseguiremos obter uma boa formação como professores. Isso leva à situação que mencionei na palestra, em que o professor acaba tendo o chamado "ofício sem saberes". Esse tipo de ofício envolve aquele sujeito que, no máximo, tem conhecimento disciplinar, mas não possui saberes didáticos, pedagógicos e curriculares, o que acaba sendo um grande entrave. As consequências disso são diversas. Tanto para o próprio profissional, porque quando não desempenha bem o seu trabalho, não fica satisfeito com ele, os outros também não ficam satisfeitos, o que gera tensão, estresse e conflitos. Por outro lado, quando é um bom profissional, recebe reconhecimento dos estudantes, da escola, da comunidade e dos pais dos estudantes, reduzindo assim os conflitos. Os impactos dessa visão que os estudantes carregam durante a licenciatura repercutem não apenas sobre o professor, mas principalmente sobre a qualidade do ensino, uma vez que os estudantes acabam sendo prejudicados por isso.

A falta de planejamento pedagógico tem consequências sérias na prática docente, e para ilustrar a importância disso, vou dar um exemplo. Quando um professor não elabora um plano de aula, ele acaba se afastando de uma prática de planejamento, pois pode pensar que não é necessário planejar, que sua prática é baseada apenas em dom ou dádiva. No entanto, sem um planejamento, o professor não consegue destacar quais são as suas intenções pedagógicas ou objetivos que os estudantes devem aprender em cada aula. Consequentemente, ao avaliar a aprendizagem dos estudantes, ele não tem como saber o que foi ensinado, como foi ensinado e quais eram os objetivos. Isso leva o professor a fazer perguntas genéricas, como "produza um texto sobre o conteúdo", como uma forma de evitar cobrar dos estudantes temas que nem foram abordados. Isso é preocupante, pois um plano de aula deve ter um objetivo geral, que é o horizonte a ser alcançado, e objetivos específicos que são como escadas para que o estudante alcance o objetivo geral. Se um estudante alcança nove objetivos de um total de dez, mas a avaliação incide sobre o único objetivo que ele não alcançou, isso pode resultar em uma nota baixa, mesmo que tenha aprendido a maior parte do conteúdo. As implicações dessa falta de racionalidade no planejamento são graves para a

prática docente, e o estudante é quem acaba sofrendo as consequências dessa visão de docência espontânea.

Outro problema dessa abordagem espontânea, como mencionei anteriormente, é o fato de que você acaba repetindo o mesmo conteúdo continuamente, sem avançar. Isso ocorre porque você não lembra o que já foi ensinado e, conseqüentemente, não consegue progredir no desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sem um planejamento, fica difícil estabelecer uma progressão do simples para o complexo, que é essencial para conduzir os estudantes a um verdadeiro desenvolvimento intelectual. Esse desenvolvimento implica compreender não apenas de forma mais complexa, mas também compreender as coisas mais complexas em relação às mais simples.

Se não houver planejamento, a aula corre o risco de se tornar uma mera transmissão de conhecimento, seguindo uma pedagogia tradicional na qual o conhecimento é simplesmente despejado sobre os estudantes, sem conexão com o que foi ensinado anteriormente ou com o que será ensinado no futuro. Isso resulta em um conhecimento fragmentado devido à falta de uma abordagem didática coerente.

Portanto, para responder à sua pergunta, é fundamental que os estudantes em formação de licenciatura se dediquem a adquirir conhecimentos pedagógicos e didáticos ao longo de seu processo de formação, além de dominar o conhecimento disciplinar, pois ambos são igualmente importantes..

Gabriela Siqueira: Você produz e organiza diversas obras, além de ter o Blog “Café com Sociologia”, que funciona desde 2009. De onde partiu teu interesse na produção das obras e materiais didáticos? Como você avalia a contribuição do Blog Café com Sociologia?

Cristiano Bodart: Veja, eu não consigo avaliar o impacto, a contribuição ou algo semelhante, porque é algo que nós não temos controle. Eu sei, por exemplo, quantas pessoas acessam o blog por dia (em torno de 20 mil acessos por dia), mas eu não consigo saber para que, se são sujeitos que passam simplesmente ali por curiosidade, se são professores, se são estudantes que estão buscando material; enfim, eu não consigo fazer essa avaliação. O mesmo acontece com a editora. Embora a Editora seja muito mais recente do que o Blog, o número de livros publicados pela editora é considerável para o tempo de existência. O volume de livros vendidos que circulam também é considerável. Não conseguimos ter muita dimensão de como isso está sendo usado e apropriado. Há uma intencionalidade na produção; isso é uma coisa. Agora, pensar na apropriação demandaria trabalho de pesquisa junto a esses usuários, e em relação a isso, eu não consigo oferecer nenhuma resposta.

Claro, agora suponho que esses trabalhos devem estar contribuindo para muitos professores, de que maneira eu não faço a muita ideia. Como eu sei disso? Tanto pela busca dos livros e o acesso ao blog, mas também pelo reconhecimento que às vezes eu observo ao encontrar as pessoas que comentam: "Ah, eu conheço o seu blog", "Eu sigo seu blog desde que comecei a ser professor, há muitos anos", "Já usei muito seu material em sala de aula" ou então "Estou usando o material que você produziu lá". Mas é uma coisa muito sem um rigor metodológico, é muito mais uma percepção próxima daquelas pessoas com quem tenho contato, que não representa a totalidade das pessoas que acessam esse blog. Assim, a avaliação é muito precária. Há um cuidado muito maior em relação à Editora do que com o Blog. O que está no blog é resultado de experiências que eu e o Roniel Sampaio-Sulva usamos em sala de aula. Como trabalho com formação docente, muitas publicações recentes são materiais ou estratégias que estou usando na graduação, orientando os estudantes ou construindo com os estudantes para aplicarem na sala de aula. Quando vejo que o *feedback* é positivo (quando o estudante comenta que foi útil, que deu certo), então eu levo para o blog. No entanto, não há uma avaliação externa.

Falando da Editora Café com Sociologia, ela se destaca em relação às outras editoras pelo cuidado com a qualidade da produção. Por exemplo, se considerarmos os livros da coleção Conceitos e categoriais fundamentais do ensino das Ciências Sociais, veremos uma extensa listagem na Comissão Científica. Essa comissão foi responsável pela avaliação desse material. Após a avaliação, retornou para os autores, que realizaram as correções, e novamente foi submetido à Comissão. Depois, fiz minhas avaliações e enviei para os autores. Portanto, há um trabalho meticuloso de cuidado, e, por fim, uma revisora profissional faz a revisão gramatical, demonstrando toda a preocupação com a qualidade da obra produzida.

Há um cuidado especial com a editora, que envolve o perfil de quem avalia. Nunca são somente doutores ou somente professores da educação básica. Cada avaliação é sempre composta por um doutor e um professor da Educação Básica, pois há uma preocupação tanto com o conteúdo quanto com a didática. Isso garante que as obras tenham uma qualidade bem superior àquilo que é publicado no blog, que é uma publicação mais rápida. Inclusive, em postagens mais antigas nas quais vejo a necessidade de ajustes, eu mesmo faço as correções, mas é um processo que não conta com avaliação externa, apenas com a minha avaliação e a do Roniel, colega que conduz o blog comigo.

Gabriela Siqueira: Pensando no contexto da pesquisa, em 2023, ocorreu o primeiro I Congresso Internacional de Ensino em Ciências Sociais. Como você percebe esse Congresso para a área e quais são as perspectivas para dar seguimento? Quais os próximos passos a partir desse congresso? Há uma agenda ou um planejamento para próximas realizações?

Cristiano Bodart: Para entender esse congresso internacional, é importante contextualizarmos que na nossa área, temos basicamente dois grandes eventos de caráter nacional. Um deles é o evento organizado pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) chamado Encontro Nacional para o Ensino da Sociologia na Educação Básica (ENESEB), e o outro é o Congresso Nacional da ABECS, organizado pela Associação Brasileira de Ensino em Ciências Sociais (ABECS). Ambos os congressos são bianuais e têm uma preocupação muito grande em aproximar os professores da temática, pois aqueles que pesquisam o tema acreditam que um bom professor precisa ser um pesquisador de sua própria prática.

Nós, formados em Ciências Sociais, já temos um diferencial nesse aspecto, pois o curso se preocupa muito com o método e com a teoria, o que facilita que o professor de Sociologia tenha essa característica. No entanto, não adianta o sujeito se formar e ter essa característica se ele não tem condições de apresentar o que ele faz, as reflexões. Portanto, ambos os congressos surgiram com essa intenção de ser um evento destinado a professores do Ensino Superior, pesquisadores professores da Educação Básica, pesquisadores e pós-graduandos. Esses dois congressos fomentam um conjunto de eventos estaduais, que, claro, não são os únicos responsáveis pelo fomento desses eventos, pois têm a ver com o desenvolvimento da licenciatura.

O fato é que são dois grandes eventos importantes que influenciaram e, em alguma medida, já se consolidaram. Por outro lado, o subcampo da pesquisa vem se desenvolvendo de tal maneira que chegamos a um estágio em que precisamos avançar, sobretudo no nível da pós-graduação, que já vem crescendo. No entanto, o crescimento maior na pós-graduação tem sido de novos pesquisadores, ou seja, mestrandos e doutorandos pesquisando o tema, e muito menos de professores na pós-graduação pesquisando o tema. O número de professores nas pós-graduações de Sociologia, Antropologia, Ciência Política ou Ciências Sociais que se dedicam ao tema ainda é pequeno. Por exemplo, fui o primeiro professor no ano passado a ofertar uma disciplina de "Ensino de Ciências Sociais" na pós-graduação, o que não é comum. Além disso, o número de linhas de pesquisa voltadas para essa temática é praticamente inexistente. Há professores que orientam de forma isolada, mas não temos uma linha de pesquisa estabelecida.

Para que haja uma consolidação na pós-graduação, é fundamental que ocorra uma preocupação que faz parte do sistema da pós-graduação, que é a internacionalização. Este congresso surge com essa intenção de ser um esforço no sentido de começar a internacionalizar a temática. No Brasil, temos hoje poucos professores que já publicaram artigos em revistas estrangeiras sobre o assunto, e também poucos estrangeiros que publicaram no Brasil sobre a temática. Este congresso busca fomentar essa relação entre

pesquisadores que estão estudando a temática pelo mundo afora, já que o ensino de Sociologia na educação básica não é uma realidade exclusiva do Brasil; existem outras experiências, como na Índia, por exemplo, que contempla uma população gigante e tem pesquisadores dedicando-se a essa temática. A ideia do congresso é justamente internacionalizar as discussões e as pesquisas sobre o ensino de Sociologia, construindo redes de pesquisadores sobre o assunto.

Este movimento tem dado certo porque o congresso vem germinando já há algum tempo, e essa germinação, não apenas o Congresso, mas esse movimento de construção que vinha acontecendo em relação ao congresso, já permitiu, por exemplo, que estrangeiros coordenem GTs e dossiês sobre Ensino de Sociologia no Brasil, o que é muito interessante. Tivemos pesquisadores no Congresso, professores de outros lugares, que não conheciam o que pesquisamos aqui, o que impedia a construção dessas redes. Agora, essas redes já começam a aparecer no sentido de parcerias com professores, inclusive estou fazendo parte para publicação de Pesquisas na França sobre ensino de Sociologia e a reforma do ensino médio, pensando nas duas coisas.

A Associação Internacional de Sociologia (ISA), a partir da introdução de pesquisadores brasileiros, acabou de criar uma revista voltada para o ensino de Sociologia. Esse é o nosso intento de tentar internacionalizar a partir desse congresso, que muito provavelmente deve acontecer a cada quatro anos, já que temos congressos bianuais acontecendo a nível de Brasil. E conseqüentemente, a internacionalização de um tema de pesquisa desenvolve o interesse na pós-graduação pela temática, o que pode expandir o campo da pós-graduação em relação ao ensino de Sociologia.

Manoela Neutzling: Como você tem percebido essa área de pesquisa do subcampo do Ensino de Sociologia? Quais as sugestões para aqueles que estão vinculados a essa área de estudos ou têm interesse em desenvolver pesquisas sobre o tema?

Cristiano Bodart: O que chamamos de 'subcampo do ensino de Sociologia' é um tema recente e em expansão, acompanhando o desenvolvimento das licenciaturas no Brasil. Ao analisar dados quantitativos, como o número de teses, dissertações e artigos publicados, observamos um crescimento a partir de 2009. Ou seja, é um campo que reflete o que está ocorrendo em relação à Sociologia, seja na formação docente, seja na oferta da disciplina na educação básica. Estamos diante de um campo em crescimento, o que o torna muito atrativo para pesquisadores iniciantes. Por quê? Pensando no campo acadêmico a partir de uma perspectiva bourdieusiana, é um campo aberto para disputa, onde os agentes consolidados não estão tão firmemente estabelecidos e os novos agentes têm condições de competir por espaços

de distinção como pesquisadores. Além disso, por ser uma temática nova, ainda demanda muitas explorações. É uma seara disponível, um campo aberto para pesquisa. Diferentemente de outras áreas que podem apresentar certo esgotamento, exigindo um maior esforço na busca por originalidade, em nosso campo há ainda muito a ser pesquisado, não apenas em termos de objetos empíricos, mas também em relação a metodologias de pesquisa e desenvolvimento de novas abordagens metodológicas.

Para exemplificar, se considerarmos um viés desse campo, que é o estudo da história das Ciências Sociais, veremos que quase a totalidade das pesquisas se apoia em uma única teoria: são pesquisas bourdieusianas. Inclusive, é a linha à qual venho me filiando. Temos basicamente uma professora que pesquisa numa perspectiva weberiana. O restante dos pesquisadores com prestígio social nesse campo investigam numa perspectiva bourdieusiana. Assim, há possibilidades novas de exploração, de ampliar o repertório teórico para pensar o tema, o repertório metodológico e também, talvez principalmente, a ampliação do repertório de objetos — a quantidade de objetos ainda não pesquisados, experiências não investigadas, práticas não estudadas. É uma área que, infelizmente, devido à instabilidade no currículo escolar, fomenta as reflexões. Como temos uma área, um ensino, uma disciplina não consolidados, torna-se ainda mais fundamental a qualificação dessa disciplina, pensar em recursos, pois precisamos legitimá-la, especialmente sua presença no currículo. Isso acaba fomentando estudos em relação à diversidade de objetos e temas.

Uma questão muito interessante no campo do ensino de Sociologia é a sua amplitude. Temos observado um movimento significativo, por exemplo, de professores que tradicionalmente pesquisavam sobre gênero e agora se aproximam do ensino de Sociologia, muitas vezes devido ao início do trabalho com a formação de professores. Isso os leva a abordar gênero no contexto do ensino de Sociologia. Outros, que se dedicam a temas étnicos, passam a realizar análises das relações étnico-raciais no ensino de Sociologia. Da mesma forma, aqueles que estudam política passam a investigar a ciência política no ensino médio. Assim, é uma área que permite aos pesquisadores atuarem com múltiplos temas de pesquisa. É bastante comum encontrarmos pesquisadores que transitam entre especialidades, como religião e ensino de Sociologia. Essa diversidade torna a pesquisa sobre o ensino das Ciências Sociais uma área muito atrativa.

Manoela Neutzling: Você gostaria de abordar outras questões em relação ao Ensino das Ciências Sociais? Fique à vontade para fazer suas considerações ou tratar de alguma outra questão que você considere pertinente mencionar.

Cristiano Bodart: Existe uma questão que considero importante abordar nesta entrevista, que é a problematização do próprio conceito ou noção que se desenvolveu nos últimos anos do que chamamos de “Ensino de Sociologia”. Por quê? Porque esse conceito de “ensino de Sociologia” acaba sendo bastante impreciso, e uma das principais características de um conceito é a precisão, ou seja, a capacidade de explicar exatamente o que é o fenômeno em questão. Quando falamos em ensino de Sociologia, especialmente para aqueles que não estão familiarizados com a temática, a interpretação geral é que quem pesquisa esse tema está investigando a prática docente da disciplina de Sociologia. Isso leva a uma série de equívocos e incompreensões devido a imprecisão conceitual. A compreensão errônea é que quem pesquisa o ensino de Sociologia está investigando apenas a prática de ensino da disciplina de Sociologia, o que é um equívoco.

O segundo equívoco consiste na ideia de 'Sociologia'. Quem pesquisa o Ensino de Sociologia não está limitado apenas ao ensino da disciplina de Sociologia, mas também investiga o ensino de Política, Antropologia e até mesmo Ciências Sociais na graduação. Para quem não está próximo da área, pode não compreender que quando se fala em 'Sociologia', está se referindo à Sociologia escolar, que é composta pelas três disciplinas fundamentais do campo das Ciências Sociais: Antropologia, Ciência Política e Sociologia. No entanto, mesmo assim, se falamos de Ciências Sociais, isso também pode ser problemático, pois no ensino superior não há ensino de Ciências Sociais como um todo, mas sim ensino de Sociologia, Antropologia, entre outras. No ensino médio, nem mesmo isso é encontrado. Portanto, quem pesquisa o 'Ensino de Sociologia' está também pesquisando o ensino de Antropologia, Ciência Política (na graduação) e Ciências Sociais no Ensino Básico.

Então, o conceito é bastante problemático e possui uma baixa capacidade explicativa. Quando falamos em ensino, e se associa à ideia de estudar a prática docente, isso acaba restringindo a verdadeira abrangência do que efetivamente está sendo pesquisado. Quem pesquisa o 'ensino de Sociologia' está investigando o currículo relacionado às ciências sociais, a formação docente (que não se limita apenas à Sociologia), as condições de trabalho do professor de Sociologia (que não se restringem ao ensino de Sociologia), a identidade do professor de Sociologia (que vai além do ensino de Sociologia).

Cito esses quatro exemplos, mas há uma série de práticas intelectuais que o conceito não consegue englobar. Esse conceito tornou-se popular e precisamos problematizá-lo. Então, ao invés de usar 'Ensino de Sociologia', tenho preferido utilizar - quando falamos do Campo, que tradicionalmente se consolidou como subcampo de pesquisa do Ensino de Sociologia -, talvez seja mais preciso dizer que é um subcampo da Educação em Ciências Sociais. Isso porque quando falo sobre a pesquisa em Educação em Ciências Sociais, estou abordando políticas públicas relacionadas às Ciências Sociais (como o PIBID, a Residência Pedagógica);

estou me referindo ao currículo, à prática docente; estou discutindo a identidade docente, e até mesmo aspectos mais amplos que envolvem a percepção da disciplina dentro do currículo. Todos esses elementos se encaixam nessa noção.

Não trago isso como algo original, pois este é um caminho utilizado por outros campos de conhecimento. Não se fala em ensino de ciência, mas sim em educação em ciência, educação em matemática, não é ensino de matemática. Entendo que precisamos repensar essa noção, pois isso pode induzir os pesquisadores a não explorar muitas outras possibilidades, uma vez que podem se ater à ideia de serem pesquisadores do ensino de Sociologia e, portanto, discutir apenas a prática docente, quando na verdade o campo é muito mais amplo do que isso.

Manoela Neutzling: Cristiano, gostaríamos de expressar mais uma vez nosso agradecimento pela disponibilidade em conceder esta entrevista, suas orientações e contribuições sobre as temáticas abordadas.

Entrevista realizada em: 13 e 15 dez. 2023. Pelotas-RS.

Recebido em: 18 fev. 2024.

Aceito em: 20 de março de 2024.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

NEUTZLING, Manoela V.; SIQUEIRA, Gabriela P.. Educação em Ciências Sociais: entrevista com Cristiano das Neves Bodart. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. Cabecs*, v.7, n. 2, p.123-142, 2023.